

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

AS PEQUENAS CIDADES DA AMAZÔNIA ACRENA: O CASO DE ASSIS BRASIL

Érika Mesquita (UNICAMP)

As Pequenas Cidades da Amazônia Acreana: o caso de Assis Brasil

Resumo

Analisaremos as socializações, territorialidades no município da Amazônia acreana, bem como a urbanização que vem ocorrendo em Assis Brasil, cidade que escolhemos para nossa pesquisa. Com a fisionomia da urbanização que chega até este rincão amazônico, e qual é sua problemática para o lugar. A pequena cidade com sua problemática totalmente distinta das pequenas cidades que entendemos fora do contexto amazônico. Analisaremos as percepções dos moradores de seu entorno e o que como as populações “pseudo-urbanas” compreendem o fenômeno urbano, ou a urbanização em suas vidas. Para tanto analisaremos também as transformações da cidade através dos tempos desde sua criação até os dias atuais.

Introdução

Falar em pequenas cidades amazônicas é tocar na grande diversidade de municípios que compõem a região do Estado do Acre, com municípios que possuem grande extensão territorial e, muitos deles baixíssima densidade demográfica. São municípios que se localizam as margens de rios e estes fazem o papel de vias de comunicação. Essas cidades constituem lugares em que pulsam modos de vida que diferem significativamente do padrão caracterizado como urbano predominante em outras regiões do Brasil, pois a vida nestas pseudo-cidades se dá pela ligação entre o rio e a floresta.

Ao conhecer Assis Brasil, pseudo-cidade do sudoeste da Amazônia Acreana, a impressão que se tem a primeira vista e de improvisação de tudo, do local onde param os barcos até os arruamentos e equipamentos urbanos inexistentes ou inadequados. A fisionomia da “cidade” possui uma aura de inércia e de que tudo por ali é temporário ou precocemente deteriorado. A interpretação que se pode dar às pequenas cidades perdidas na imensidão dos rios e da floresta muitas vezes é fugidia, pois busca parâmetros lógicos que nem sempre são capazes de explicá-las. Mas por outro lado, percebemos as raízes caboclas dos povos da florestania, preciosos arquivos culturais do mundo amazônico. Logo de cara notamos que para compreendermos qualquer processo nessas pequenas cidades, como na que propomos o estudo, devemos considerar os rios e a floresta e sua interpretação pelos habitantes do lugar como ponto de partida.

Percebemos que Assis Brasil é uma pequena cidade de âmbito local, com atuação restrita a municipalidade e cuja articulação imediata se dá em subordinação à cidade de Brasília com um nível hierárquico superior e de proporções significativas e aceitáveis do que se entende por cidade. Brasília é uma cidade com melhor infra-estrutura urbana com um maior número de ruas pavimentadas, hospital equipado com UTI, água encanada e rede de esgoto, além de ser comarca judiciária e religiosa da região. Assis Brasil apresenta essa contradição, característica das pequenas cidades desta região: são articuladas a relações pretéritas apresentadas pela inércia e, ao mesmo tempo, articuladas a dinamicidades contemporâneas que as ligam ao mundo, especialmente a partir da biodiversidade e da sociodiversidade. Essa contradição, não exclusiva da Amazônia, possibilita as simultaneidades nas inovações e sinais da modernização na paisagem especialmente ligados à comunicação, e aos equipamentos.

Contextos de Vivência Local

A região, como já foi mencionado, é povoada por indígenas: Jaminaua e Manchineri, moradores das margens e cabeceiras dos Rios Iaco e Acre, pelos seringueiros, caboclos e não caboclos, e pelos vindos de fora. As comunicações são efetuadas através de canoieiros e canoas, pois o rio é por onde navega o fluxo de informações e mercadorias, além dos rádios amadores que praticamente cada casa de ramal e aldeia indígena possui. Ainda sobre a antropogeografia, boa parte da vida é balizada pela dinâmica dos rios e estações do ano da região. De acordo com Postigo (2003), as estações do ano, uma seca, de junho a setembro, chamado verão e outra chuvosa, de outubro a maio, denominada por inverno ditam a dinâmica das comunicações no Alto Vale do Acre. Os rios no inverno e os caminhos de terra no verão são os fluxos.

Os fixos da região seriam os ramais, as colocações e as colônias, que englobam desde a casa de morada até os roçados, a floresta e os seringais. Podemos denominar os fixos como espaços sociais importantes que variam conforme a escala de significados para cada família, para cada vila e para a região. Vale dizer que tanto os fixos quanto os fluxos estão em constante processo de transformação. Os fluxos são norteados pela dinâmica natural, longe de querer propor um determinismo geográfico, trata-se de mostrar como a vida cotidiana está relacionada com o meio físico-geográfico e suas variações. Observa Marcel Mauss (1974), não podemos aceitar os argumentos de determinação geográfica-ambiental da organização social, ao mesmo tempo em que não podemos deixar de reconhecer que são sobre determinados e diferenciados meios que as sociedades erguem seu modo de vida e suas representações, sendo legítimo assim falarmos então de uma morfologia social.

Outra forma de análise dos fluxos e fixos, na região, é observar pelo viés das materialidades e imaterialidades. Materialidades seriam os modos de vida de seus habitantes, como por exemplo, os materiais utilizados no cotidiano, os lugares, os ramais, os rios, as casas, etc., e as imaterialidades se caracterizam pelos aspectos abstratos e simbólicos que fazem parte do todo cultural, como a *ciência* da caça, da pesca, da religiosidade, etc., os encantados, a caipora, a panema, a pauta seriam alguns exemplos das imaterialidades que constituem a dinâmica do mundo da vida local. Outro contexto local é o laço de vizinhança, no qual se pratica a troca de alimentos na região (Carneiro da Cunha e Almeida 2002). Esses aspectos compõem a especificidade da região e averiguaremos como se relacionam e se apresentam, tendo em vista a nossa proposta de estudar as transformações urbanas sob as percepções dos habitantes da floresta, no município de Assis Brasil.

No Vale do Alto Acre seus habitantes convivem com a cidade e a floresta interligadas pelos rios. Entrementes, para o habitante de Assis, as florestas constituem uma espécie de território conhecido, os ramais também. Existem áreas de territórios particulares e coletivos, que possuem fronteiras estabelecidas e espacialidades. As áreas conhecidas das florestas e matas podemos denominá-las de lugares conquistados, ainda que esses lugares possam transcender os limites legais de sua propriedade.

A questão do extrativismo para os camponeses de Assis, nos dias atuais, não é mais tratada como o único ou o principal componente de produção. Assim, o extrativismo apresenta-se no interior da unidade de produção familiar como um dos componentes que integram o sistema de produção local, como a produção agrícola e produção de leite e de queijo e a pecuária. Essa visão do extrativismo reafirma que os seringueiros ou camponeses amazônicos desenvolvem atividades polivalentes – são agricultores, criadores e extrativistas (de produtos vegetais e animais). O extrativismo, como todas as outras atividades, insere-se no calendário da produção camponesa que, também e em última instância, é subordinado ao movimento cíclico das águas. Aqui, não devemos considerar essa atividade como uma prática acessória da economia camponesa, mas como uma das formas de trabalho desses atores sobre o ambiente que habita, procurando realizar sua vida e a de sua família.

Nas circunstâncias da vida camponesa, a economia da farinha – fundamental como valor de uso e, eventualmente, como valor de troca – funciona de maneira similar a um movimento circular contínuo: de um lado, alimenta internamente a unidade de produção familiar e, de outro (quando comercializada), traz, do mundo externo à vida camponesa, recursos monetários, estimulando, assim, entre outras atividades, a do extrativismo, o que acaba reforçando atividades da roça (em particular, a da mandioca) e da farinha, como o Alto Juruá. Em Assis Brasil, o extrativismo ainda que menor, quando comparada às outras, é em conjunto com a atividade agrícola uma atividade geradora de renda para unidade de produção familiar. Mas são poucas as famílias que continuam com o trabalho do fabrico da borracha, no município atualmente somente do três ramais encontramos esta atividade, mesmo assim em apenas uma casa de cada Ramal, no ramal do Icuriã, no Ramal Guanabara e no Ramal Paraguaçu.

Contextualizando o lugar: Assis Brasil

Assis Brasil está situada entre os rios Acre e Iaco, cuja emancipação se deu em maio de 1976, anteriormente pertencia ao município de Brasiléia. Antes de ser elevada a categoria de um

município era conhecida como Seringal Paraguaçu, sendo desbravado por três irmãos vindos do nordeste, em 1890, sendo eles: Belarmino Freire, Durval Freire e Policarpo Freire. Em maio de 1958 quando passou a ser vila, teve seu nome mudado pelo então governador a época Valério Caldas Magalhães, para Vila Assis Brasil em homenagem a Joaquim Francisco de Assis Brasil, político e diplomata que negociou juntamente com o Barão de Rio Branco, Ministro de Estado das Relações Exteriores, a compra do Acre do governo boliviano. Foi de sua responsabilidade, ainda, a redação do Tratado de Petrópolis que definiu a posse desse território pelo Brasil. (Araújo, 1999) Assis possui uma área de 2.884,2 Km², em parte desta área se encontra a Reserva Extrativista Chico Mendes e áreas indígenas demarcadas dos povos Manchineri e Jaminaua. O município possui uma população total de 4.852 habitantes. (IBGE, 2002). Devido a essas características ímpares, de possuir uma população de caboclos e indígenas, seringueiros e agricultores, além da população da “cidade”, e uma densidade demográfica relativamente baixa, o escolhemos, pois, entendemos que melhoraria o detalhamento de nossa pesquisa.

O Lugar: como referencial teórico para compreensão do mundo da vida

Tem havido um esforço das ciências sociais em estudar o espaço e sua relação com o vivido e numa escala, cara para a geografia, que é o lugar. Está havendo uma mobilização para integrar concepções materiais e abstratas ou simbólicas no estudo da sociedade. Na tradição antropológica no estudo da morfologia social temos Marcel Mauss (1974), que na busca por entender variados aspectos sociais e explica-los numa conjunção a dinâmica social e a organização e percepção do espaço, e por suposto, do lugar.

Lembramos da acepção de Habermas, de mundo da vida, não só suas materialidades, mas principalmente sua linguagem, o subjetivo e imaterial, enfim, taquigrafar minuciosamente os processos e dinâmica na construção do lugar em sua totalidade. Sobre esta categoria enigmática e importante que é o lugar, Walter Benjamin observa que o lugar em questão transmite uma imagem do bem maior que temos, o pulsar da vida.

O lugar é composto pela relação com o mundo social de forma dialética, e é o componente do espaço quer geográfico ou social, que está sempre presente, e é entendido como resultado das formas produtivas e ideológicas-cognitivas da sociedade-humanidade.

Os lugares trazem tradições culturais que nos levam ao mundo simbólico, dos signos, mitos. São nos lugares que ocorrem os fenômenos, assim, o lugar é fenomenológico, é onde ocorrem as relações de solidariedade simples, mecânica, as relações de parentesco, as afetividades, e as

atividades cotidianas e os rituais. Podemos dizer então que o território é antes de qualquer coisa formado por lugares, estes denominados lugares por cada grupo e sistema social.

“O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida” (Carlos,1996).

Na análise fenomenológica, que é compreendida pela busca da experiência vivenciada e vivida, o lugar e sua espacialidade vão além do meio real e lógico chegando até a concepção de ser um meio pelo qual o posicionamento espacial das coisas se torna possível. É importante a compreensão de que o lugar está inter-relacionado com o espaço.

Para Yi-Fu Tuan (1993), o espaço apresenta-se como porções de ambientes terrestres passíveis de serem transformados em lugar pela ação do homem, esta dotada de valor e significado. Acrescentamos a aceção de Tuan que a mudança da categoria espaço pode desdobrar em duas, ou até três, ou o espaço se transforma em lugar ou em território, ou um por vir híbrido dos dois. Para ser lugar este espaço necessita além da estrutura social, de um alto grau de sociabilidade e uma grande carga afetiva, simbólica e subjetiva, edificada através da cultura, além de uma microfísica do poder; e para se tornar território, basta este espaço estar taquigrafado e presenciar relações de poder, incluindo neste poder as esferas políticas, sociais e econômicas. Mas este território turístico pode vir a ser, ou se tornar um lugar turístico, desde que haja uma relação de identidade e experiência vivida entre os atores sociais e a localidade.

Sabemos que o espaço não se reduz ao espaço físico, por que ele é estruturante e estruturado pela socialização de diferentes atores sociais, bem como estruturador das relações sociais que criam e são criados por ele neste movimento dialético. Na aceção do espaço como social temos o espaço do vivido, a prática do espaço, a representação do espaço e o espaço de representação; assim como os espaços da cultura, do trabalho, da religião, etc., portanto, *“o espaço socialmente estruturado é, simultaneamente, significação, percepção e representação”* (Gonçalves, 1997:144).

De acordo com Merleau-Ponty (1996), o espaço pode ser entendido como um direcionamento, um poder “universal de suas conexões”, tomando como ponto de partida o sujeito. O sujeito

descreve e conduz estas relações vividas do espaço, e é isto que o autor denomina por “espaço espacializante”.

Buscamos a acepção de lugar e espaço, pois para a pesquisa, abordaremos a concepção de espaços e territorialidades pelos jovens e para apreensão desses conceitos é importante partirmos do lugar, onde acontece a vida.

Para analisarmos o lugar é necessária a compreensão dos conceitos de território e territorialidade. Apropriadamente Lefebvre (1991) observa que o território é o que está próximo de nós, e territorialidade seria compreendida como a projeção da identidade de cada grupo com seus referenciais simbólicos, sobre o território que ocupa. Para Claude Raffestin (1993:160-162):

“A territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo (...) Mas essa territorialidade é dinâmica, pois os elementos que a constituem são suscetíveis de variações no tempo (...) Cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem”.

Talvez possamos dizer que não existe um território em si o que existe é uma territorialidade surgida da relação entre sujeitos, pois, território no sentido político-administrativo é uma forma de apreensão do espaço pelo homem social. O território pode se apresentar como sendo um dado físico e um dado simbólico criado da inter-relação entre um grupo com o território físico. A territorialidade pode ser adquirida per si ou por descendência. Destarte o território é a paisagem carregada de significados e concebida em sociedade e a territorialidade são os valores, simbologias e usos do território. Soja (1993:19), no que refere a territorialidade define-a como *“um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou pelos que os definem”.* Representações simbólicas, visões e concepções de mundo, a cultura, os costumes, os hábitos do lugar e a paisagem estão intimamente ligados na identificação e formação de territorialidades.

As transformações na cidade

Notamos pelo incipiente andar de nossa pesquisa que a urbanidade vem se instalando no município e modificando os modos de vida do lugar. Por exemplo, a rede elétrica se faz

presente em quase a totalidade das casas da cidade. Este é um dado importante, pois, com eletrificação urbana os municípios estão adquirindo aparelhos eletro-eletrônicos e cada dia mais notamos a presença da televisão ditando horários e mudanças de hábitos na região. A propósito temos agora a minissérie da Rede Globo de televisão que pára a cidade de Assis Brasil, aqueles que não tem TV ainda vão a casas de vizinhos e se aglomeram enfrente ao aparelho para com orgulho ver a saga desta região amazônica ser mostrada ao mundo. A presença de eletrodomésticos vem modificando a construção de várias casas que prevendo a presença de freezer, ou televisores se importam mais com o material a ser utilizado na construção, cujo também se preocupam com a fiação elétrica, agora cada vez mais importante devido a crescente urbanização do lugar. Os encontros são marcados por horários como antes ou depois da minissérie ou novelas ou jogos de futebol entre os jovens.

Outro dado importante é a modificação das vernáculares palafitas, quanto mais diferente for sua residência daquelas tradicionais do lugar, maior seu prestígio social. Notamos que as casas dos médicos, prefeito, delegado, vereadores, são mais parecidas coma as casas da região sudeste urbana, de alvenaria, com telhas, rede de água e esgoto. Elas se fazem gritantes a paisagem. Como nossa pesquisa esta no seu início ainda não sentimos a vontade para esboçarmos considerações finais, apenas alertamos para a urbanização *imitatus* que vem ocorrendo nos rincões amazônicos e que nada tem haver com a história e a tradição da região.

Bibliografia

Carlos, A. F. A. *O Lugar no/do Mundo*, 1996, Editora Hucitec, São Paulo.

Carneiro da Cunha, M. e Almeida, M.W.B. (orgs.) *Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*, 2002, Companhia das Letras, São Paulo.

Castells, M. *O Poder da Identidade*, 2002, Editora Paz e Terra, São Paulo.

Geertz, C. *A Interpretação das Culturas*, 1989, Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.

Harvey, D. *Condição Pós-Moderna*, 1993, Edições Loyola, São Paulo.

Lefebvre,H. *The Production of Space*, 1991, Blackwell, Oxford.

Lévi-Strauss, C. *O Pensamento Selvagem*, 1974, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Mauss, M. *Sociologia e Antropologia Vol.II*, 1974, Editora Pedagógica Universitária, São Paulo.

Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da Percepção*, 1996, Editora Martins Fontes, São Paulo.

Postigo, A.A. *Penduraram as letras na parede da sala*, 2003, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UNICAMP, Campinas.

Raffestin, C. *Por uma geografia do poder*, 1993, Editora Ática, São Paulo.

Rosendahl, Z. e Corrêa, R. L. (org.) *Manifestações da Cultura no Espaço*, 1999, Edurj, Rio de Janeiro.

Santos, M. *Espaço e Sociedade*, 1969, Editora Vozes, Petrópolis.

_____. *A Natureza do Espaço - Técnica e Tempo. Razão e Emoção*, 1996, Editora Hucitec, São Paulo.

Tocantins, L. *Formação Histórica do Acre*, vol. I, 1979, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

Tuan, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, 1983, Difel, São Paulo.

Notas

Denominamos pseudo-cidades pois elas não tem a infra-estrutura de uma cidade nos parâmetros do IBGE. Encontramos também neste debate, José Eli da Veiga (2002) que considera o Brasil como sendo mais rural do que se apresenta. Seus parâmetros analíticos estão das bases de dados populacionais dos então municípios e no seu desenvolvimento sócio-econômico. Ele entende que muitos municípios brasileiros com menos de 20 mil habitantes deveriam ser denominados vilas e não municípios, pois não teriam condições básicas para tal. O autor ainda cita a Lei 311/38 de 1938 que vigora até os dias atuais, que foi criada para que fosse retirada do Brasil toda a aura de ruralidade que pairava nos idos das décadas de 40 e principalmente 50. O intuito ressalta Eli da Veiga, era mesmo urbanizar o país. Atualmente a federação, em sua acepção, deveria rever essa legislação, e assumir orgulhosamente, até tendo em vista maiores auxílios e incentivos por parte do Governo Federal à essas “cidades”, a identidade de um grande país mais rural do que urbano.

² Não nos interessa entrarmos na discussão da saúde em Assis Brasil, mas pudemos detectar que possui um hospital e dois postos de saúde, sendo que o único hospital possui três médicos, que também atendem os postos de saúde e não possui UTI, nem sala equipada para cirurgias, apenas para parto normal e pequenos procedimentos ambulatoriais, partos cesariana e até mesmo fraturas são encaminhados para o hospital de Brasília, casos ainda mais graves são encaminhados para a capital, Rio Branco.

³De acordo com Câmara Cascudo (1974), o termo caboclos é utilizado para aqueles descendentes de indígenas da região.

⁴ Colocação se caracteriza por uma unidade residencial, que engloba a área dos seringais, destinada ao trabalho. De acordo com Carneiro da Cunha e Almeida (2002) a colocação incluía a casa, o terreiro, os roçados e uma porção da mata onde se localizavam as estradas de seringa e as áreas de caçadas.

⁵ Pode-se interpretar como sendo o azar nas caçadas, é o insucesso para caçar.

⁶ São pactos realizados entre o caçador e a “mãe da caça”, utilizando amuletos e encantamentos para que este possa conseguir ter sucesso na caçada.

⁷ Área de 18.870 ha. Dados da FUNAI, 26 de outubro de 1990.

⁸ Área de 76.680 ha. Dados da FUNAI, 21 de outubro de 1997.

⁹ A identidade de tal ou qual lugar não se encontra engessada, ela está sempre em construção.